



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPa**  
**CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GIOVANNA GOMES SILVA**

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO  
PARA A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

**Parnaíba – PI**

**2025**

**GIOVANNA GOMES SILVA**

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO  
PARA A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba  
UFDPAr, como requisito para a obtenção do  
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Matias  
Cavalcante e Souza.

**Parnaíba – PI**

**2025**

**GIOVANNA GOMES SILVA**

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO  
PARA A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba UFDPAr,  
como requisito para a obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Matias Cavalcante  
e Souza

**APROVADO EM: 14/ 07 / 2025**

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**LUCIANA MATIAS CAVALCANTE E SOUZA**

Data: 22/08/2025 14:31:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Matias Cavalcante e Souza

Orientadora - UFDPAr

Documento assinado digitalmente



**KELLY CRISTINA VAZ DE CARVALHO MARQUES**

Data: 19/08/2025 17:39:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kelly Cristina Vaz de Carvalho Marques

Examinadora Interna - UFDPAr

Documento assinado digitalmente



**MARLY MACEDO**

Data: 23/08/2025 12:04:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marly Macêdo

Examinadora Interna - UFDPAr

Dedico esse trabalho a cada criança que fez parte do meu processo, do ser ao me tornar professora.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Profa. Dra. Luciana Matias, por ter aceitado orientar este trabalho, agradeço por toda a paciência e presença nas etapas de construção dele, muito obrigada!

Agradeço a minha família, em especial meus pais, Anita e Genivaldo, por sempre serem presentes em minha vida e exercerem o papel de pilar nela, e a minha amada avó, Dona. Nêga, que apesar da distância esteve presente comigo o tempo todo, e cuja casa foi aconchego e conforto.

Aos amigos que fiz durante a jornada deste curso, principalmente a três grandes amigas, pessoas importantes que vou levar sempre comigo, e que estiveram presentes em todos os momentos. Agradeço a Dallyla, que sempre foi parceira nos trabalhos; Estefane, que esteve comigo durante a conclusão deste trabalho, pois se tem algo que somos excelentes, é na procrastinação; e por último e não menos importante, Ana Gabriella, que me mostrou que nunca é tarde demais para se começar e recomeçar. Sou grata por tê-las em minha vida durante o curso de Pedagogia, e com certeza depois dele.

Por fim, agradeço a cada criança que fez parte da minha formação, desde o PIBID até o estágio. Do me tornar ao ser professora, só foi possível porque as tive durante este percurso.

“Esta é uma das violências que o analfabetismo realiza – a de castrar o corpo consciente e falante de mulheres e homens, proibindo-os de ler e de escrever, com o que se limitam na capacidade de, lendo o mundo, escrever sobre a sua própria história.”

Paulo Freire

## AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA<sup>1</sup>

Giovanna Gomes Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse artigo constitui como relato de experiências e percepções vividas dentro do projeto “Letramento com quadrinho” realizado em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Parnaíba – PI que se justifica pela necessidade de compreender o potencial que as histórias em quadrinhos têm dentro da alfabetização como recurso pedagógico. O objetivo geral consiste em: analisar as contribuições das histórias em quadrinhos para o processo de alfabetização e letramento, refletindo sobre sua natureza e proximidade com a cultura da infância. Como objetivos específicos destacamos: (i) identificar como os quadrinhos são percebidos pelos estudantes do ciclo alfabetizador em seu processo de aprendizagem; (ii) refletir acerca do potencial lúdico das histórias em quadrinhos e seu papel no processo de aquisição da leitura e escrita, enquanto prática de letramento; (iii) analisar como os componentes gráficos e textuais dos quadrinhos estimulam a curiosidade de ler em crianças no processo de alfabetização; (iv) reconhecer a importância das práticas de letramento para o processo de aquisição da leitura e escrita. Os resultados apontaram que as HQ’s possibilitam experiências estéticas, integram as práticas sociais de letramento e, portanto, constituem importante recurso didático-pedagógico para o processo de alfabetização, estimulando e fortalecendo o gosto pela leitura.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos; letramento; alfabetização.

### ABSTRACT

This article is a report on the experiences and perceptions lived within the “Literacy with comics” project carried out in a 1st year primary school class in a public school in the municipality of Parnaíba - PI, which is justified by the need to understand the potential that comics have within literacy as a pedagogical resource. The general objective is to analyze the contributions of comics to the literacy process, reflecting on their nature and proximity to childhood culture. The specific objectives are: (i) to identify how comics are perceived by students in the literacy cycle in their learning process; (ii) to reflect on the playful potential of comics and their role in the process of acquiring reading and writing, as a literacy practice; (iii) to analyze how the graphic and textual components of comics stimulate curiosity to read in children in the literacy process; (iv) to recognize the importance of literacy practices for the process of acquiring reading and writing. The results showed that comics enable aesthetic experiences, integrate social literacy practices and, therefore, constitute an important didactic-pedagogical resource for the literacy process, stimulating and strengthening a taste for reading.

**Keywords:** comics; literacy; literacy.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Delta do Parnaíba UFDPAr, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, orientado pela Professora Dra. Luciana Matias Cavalcante e Souza.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr. Email: giovannagomes859@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

É indiscutível a importância da alfabetização para a vida social do indivíduo e o pleno exercício da cidadania, principalmente por ser central para o processo de escolarização e para o acesso à formação profissional promovida pela educação formal. Nesse contexto, é principalmente por meio da escrita e leitura que se constrói e difunde saberes, fato esse que não subjugava as demais formas de linguagem, que se caracterizam por meio da expressão artística, oral e corporal, mas que, de certa forma, e dada a sociedade atual, compreende-se que o sujeito não alfabetizado tem dificuldade de participar ativamente na/da sociedade letrada, ficando assim à margem em muitas atividades, como reflete Freire “Esta é uma das violências que o analfabetismo realiza – a de *castrar* o corpo consciente e falante de mulheres e homens, proibindo-os de ler e de escrever, com o que se limitam na capacidade de, lendo o mundo, escrever sobre a sua própria história.” (1993, p. 26, grifo do autor).

O processo de apropriação da leitura escrita, acontece em diversos meios, sendo eles: o meio familiar, cultural e social, porém é na escola que a criança, por meio de práticas de ensino adequadas, irá consolidar esse processo de aquisição da linguagem escrita (Soares, 2020). Assim, reconhecemos que o processo de aquisição da linguagem escrita, na educação escolar, é mediado por diversas estratégias, podendo ser pelo contato com livros infantis; pela escrita espontânea, principalmente a do seu próprio nome; e obviamente pelas práticas empregadas pelo professor alfabetizador e os recursos didáticos selecionados para este fim. Entre esses recursos didáticos, buscamos destacar a importância dos gibis para o início do processo de aquisição da linguagem escrita.

É comum encontrar Histórias em Quadrinhos (HQs) em livros didáticos ou em avaliações semestrais, com o objetivo de avaliar a capacidade interpretativa dos discentes ou de servir como conteúdo complementar, pois geralmente são utilizadas “tirinhas” com recortes de histórias da Turma da Mônica, Mafalda, Calvin, entre tantos outros para abordar a interpretação. Assim, nesse mesmo movimento, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC incentiva o uso desse recurso nas salas de aula, destacando, também, jogos, livros, filmes e *games* no encorajamento para leituras mais complexas. (Brasil, 2018).

Porém, destacamos que nem sempre as HQs foram vistas dessa forma, como um meio lúdico para se trabalhar no âmbito educacional, como assinala Santos e Vergueiro (2012, p. 82) “De fato, a relação entre quadrinhos e educação nem sempre foi amigável, passando por momentos de grande hostilidade e outros de tímida cumplicidade, quando alguns professores mais ousados se atreveram a utilizá-los em sala de aula.”. Portanto, torna-se notável o grande

avanço que é o reconhecimento das histórias em quadrinhos dentro dos currículos educacionais, ainda mais quando se tem noção da grande luta que quadrinistas e educadores travaram para que elas fossem reconhecidas como um recurso didático importante e utilizadas nas salas de aula.

É nesse sentido, que apresentamos a utilização de HQs como recurso didático-pedagógico para a construção da linguagem escrita, por meio da vivência no Projeto “Letramento com Quadrinhos”, realizado em uma escola pública da rede municipal de Parnaíba – PI, no Ciclo Alfabetizador. Acreditamos que as HQs possam cumprir um papel importante no processo de introdução ao mundo da leitura e, por conseguinte, serem aliadas na alfabetização de crianças. Assim, esse estudo apresenta como objetivo geral: analisar as contribuições das histórias em quadrinhos para o processo de alfabetização e letramento, refletindo sobre sua natureza e proximidade com a cultura da infância. Como objetivos específicos destacamos: (i) identificar o nível de significância dos quadrinhos para os estudantes do ciclo alfabetizador; (ii) refletir acerca do potencial lúdico das histórias em quadrinhos e seu papel no processo de aquisição da leitura e escrita, enquanto prática de letramento; (iii) analisar como os componentes gráficos e textuais dos quadrinhos estimulam a curiosidade de ler em crianças no processo de alfabetização; (iv) reconhecer a importância das práticas de letramento para o processo de aquisição da leitura e escrita.

Assim, nosso trabalho apresentou como aporte teórico, principalmente os estudos de Soares (2020); Vergueiro (2009, 2012); Moya (1986); Zeni (2014) e Eisner (1999) e está organizado da seguinte forma: na segunda seção desse trabalho organizamos três subseções voltadas especialmente para as histórias em quadrinhos. Inicialmente, discorremos sobre os conceitos fundamentais que definem as HQs como 9º (nona) arte, além de traçarmos um breve percurso histórico, evidenciando seu surgimento. Ainda na mesma seção, discutimos a relação entre as histórias em quadrinhos e o campo educacional, com foco especial no contexto brasileiro, evidenciando as dificuldades enfrentadas para seu reconhecimento como recurso didático até a sua inserção. Por fim, abordamos o diálogo entre as HQs e a literatura, refletindo sobre os pontos de convergência e divergência entre essas duas formas de expressão. Em continuidade, na terceira seção, descrevemos a abordagem metodológica utilizada para o desenvolvimento do estudo e, por fim, apresentamos a quarta seção, que se divide em dois momentos. No primeiro momento é dedicado a apresentação dos resultados do diagnóstico de escrita e ao relato do desenvolvimento do projeto, descrevendo as atividades trabalhadas com a turma. Já o segundo é voltado para discussões acerca da HQ no processo de aquisição da

linguagem escrita e, por fim, finalizamos este trabalho trazendo nossas considerações sobre o objeto em estudo.

## **2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

As histórias em quadrinhos, ou HQs, constituem uma forma de expressão singular, marcada pela combinação de texto e imagem em sequência, o que lhes confere identidade própria e as distingue de gêneros literários e outras manifestações artísticas. Definidas por Will Eisner (1999) como “arte sequencial” (9ª arte), elas unem palavras e figuras dispostas em quadros que sugerem ação e movimento, criando um meio narrativo único. Embora possuam elementos da literatura, da pintura e das artes cênicas, não se encaixam plenamente em nenhuma dessas classificações, consolidando-se como uma linguagem específica. Inicialmente alvo de preconceitos, vista como leitura supérflua ou prejudicial, as histórias em quadrinhos ganharam espaço na educação com mudanças legais e diretrizes como a LDBEN Nº 9394/1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Programa Nacional Biblioteca da Escola, que reconheceram seu potencial pedagógico. No campo educacional, as HQs mostram-se relevantes por estimular a imaginação e o interesse pela leitura, estabelecendo diálogos produtivos com a literatura, especialmente nas adaptações de obras clássicas. Quando utilizadas adequadamente, podem atuar como recurso complementar, aproximando os estudantes de diferentes formas narrativas e enriquecendo a compreensão textual e visual.

### **2.1 Conceito e História das Histórias em Quadrinhos**

Diferente do pensamento comum, HQs não pertencem a literatura e não são um tipo de gênero textual, na verdade elas possuem uma classificação diferente, pois não seria adequado categorizar uma forma de expressão em que o desenho e o texto se encontram e dialogam entre si como literatura (6º arte) e, tampouco, seguindo este raciocínio, seria correto colocá-la na categoria de pintura (3º arte). Por exprimir movimento entre os quadros, poderíamos, talvez, classificá-la como cênica (2º arte), entretanto seria necessário que houvesse mais quadros para tal, e que cada quadro mostrasse pequenos gestos e movimentos, assim como os *frames* de filmes. Porém, os movimentos que ocorrem nas HQs não são completos, só dão a entender o que vai acontecer no próximo quadro, contendo, também, saltos de tempo (Lucchetti e Lucchetti, 1993). Mas, o que de fato é uma HQ? Se não se classifica em nenhuma destas artes e não é um gênero literário, o que é então? Will Eisner (1999) as classifica como artes sequencial

(9º arte), sendo definidas com texto, arte e quadros que demonstram movimentos, ações e falas de personagens, assim Eisner define:

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar ideias e/ou histórias por meios de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a *captura* ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia. (Eisner, 1999, p. 38, grifos do autor).

Compreende-se assim que, apesar de ser constituído por diversos tipos de artes, os quadrinhos possuem a sua própria forma de ser. Seus componentes se entrelaçam de uma forma que se torna única, não se encaixando em nenhuma das classificações anteriores, sendo necessário uma que defina, entre tanta diversidade, sua própria singularidade.

Os quadrinhos como conhecemos hoje, se originaram dos jornais estadunidenses. Álvaro Moya (1986) diz que o pontapé inicial para o surgimento da história em quadrinhos se deu em 1895 com *Down in hogan's Alley* de Richard Fenton Outcault. A história se passa em o que poderia se considerar uma comunidade carente, seus personagens principais eram moradores de rua e entre elas havia um garoto descrito por Cagnin (1996, p.27) como “[...] um menino cabeçudo, uns sete anos, de grandes orelhas de abano, banguela, feições orientais, um sorriso malandro[...]”, os leitores do jornal o apelidaram de *Yellow Kid*, devido a um erro de impressão que o destacou nas *Comics*<sup>3</sup>. Ele sempre vestia um camisolão que o autor utilizava para colocar textos (que sempre continham alguma crítica), já que os balões de fala ainda não faziam parte, mas que seriam introduzidos depois. As histórias eram publicadas semanalmente pelo jornal estadunidense *World de Nova York*.

No Brasil, Ângelo Agostini, um Ítalo-brasileiro, é considerado o pioneiro das histórias em quadrinhos, publicado em 30 de janeiro de 1869 (muito antes, até, de *Yellow Kid*) no jornal *Vida Fluminense*. Apesar de seu trabalho atender e se encaixar nos requisitos para ser considerado uma história em quadrinhos – desenhos acompanhados de textos –, suas histórias não possuíam balões, mas isso não eliminou a posição de precursor, pois não diminuiu a qualidade do seu trabalho e importância. “As Aventuras de Nhô-Quim”, criação de Agostini, são consideradas as primeiras *Graphic novel's*<sup>4</sup>, e a data da publicação é comemorada atualmente como o dia do quadrinho nacional. Entretanto, as HQs foram inseridas, de fato, no cotidiano dos brasileiros com as publicações da revista “O Tico-Tico” com a história

<sup>3</sup> Termo utilizado, principalmente, nos Estados Unidos para se referir as Histórias em quadrinhos.

<sup>4</sup> Termo utilizado para se referir a qualquer HQ que possua muitas páginas. Quase como um livro, porém sendo de arte sequencial.

“Chiquinho”, que nada mais era que uma “cópia” de *Buster Brown*”, escrito também por Outcault. Acreditou-se por muito tempo que o personagem fosse originalmente brasileiro, isso porque a história foi muito bem naturalizada e adaptada ao Brasil da época (Moya, 1986).

## 2.2 A Relação Quadrinhos e Educação

Mesmo que no começo a história em quadrinhos tenha alcançado grande sucesso, ela nem sempre foi bem-vista. Grande parte desse repúdio se deu pelo fato de que em suas ilustrações e textos, em grande parte, apresentavam comportamentos violentos ou críticas ácidas à sociedade vigente. Na Alemanha em 1954, o psiquiatra Fredric Wertham publica o livro *Seduction of the Innocent*, tal livro era uma denúncia aos gibis, sendo eles, na visão do psiquiatra, o motivo da delinquência e do mau comportamento dos jovens da época). Após a publicação do livro, uma onda de ódio cresce nos Estados Unidos, que só é amenizada tempos depois por volta da década de 1970 (Moya, 1986).

No solo brasileiro, além das críticas já citadas, o que fez perdurar esse preconceito foi que segundo a Associação Brasileira de Educadores – ABE, as HQs seriam responsáveis por inserir hábitos estrangeiros nas crianças (Carvalho, 2006, p.32, *apud* Santos; Vergueiro, 2012, p.82), o que acabou por atribuir má fama às histórias em quadrinhos, além de serem vistas como leitura de lazer pelos docentes. Segundo Vergueiro (2009):

Houve um tempo, não tão distante assim, em que levar revistas em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores. Tais publicações eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficiais e com conteúdo aquém do esperado para a realidade do aluno. Dois dos argumentos muito usados é que geravam "preguiça mental" nos estudantes e afastavam os alunos da chamada "boa leitura". (Vergueiro, 2009, p. 8-9)

Dá-se a entender que, naquela época, a ideia de uma leitura que trouxesse relaxamento ou que não pertencesse ao que se entendia por didático para a época, deveria ser considerada como algo digno de repúdio e que não deveria ser acolhido pela escola. Felizmente, esse cenário muda com a chegada da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN Nº 9394 de 1996, haja vista que encontramos no item II do Art. 3º o seguinte texto “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. E apesar de não explicitar o uso de quadrinhos na sala de aula, ela possibilita que diversos tipos de arte possam fazer parte da educação, e sendo uma dessas artes, os gibis. Dessa forma, o próprio Ministério da Educação abre margem para a utilização dos quadrinhos na sala de aula e não somente eles, mas também outras manifestações artísticas que enriquecem o ensino e as práticas pedagógicas.

Apesar da referida LDBEN abordar a inserção de outros tipos de manifestações artísticas na educação, ela não fala diretamente sobre o uso dos quadrinhos. É nesse fato que Vergueiro (2009), afirma que a entrada oficial dos quadrinhos na educação se deu pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e, mais tarde, no ano de 2006, com o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Se antes eles estavam à margem e eram considerados péssima influência para jovens e crianças, com as novas medidas tomadas pelo MEC, os quadrinhos passaram a pertencer a um novo patamar dentro da educação. Já não eram vistos como algo que deveria ficar fora dos portões da escola, na verdade agora a educação abraçava a ideia de que quadrinhos poderiam fazer parte da formação dos estudantes brasileiros.

### **2.3 Literatura e HQs**

Diante da experiência vivida com o letramento, a partir das histórias em quadrinho, cabe-nos destacar a importância das narrativas, especialmente da literatura no processo de aquisição da linguagem escrita, ainda mais quando temos a compreensão de que livros infantis devem constituir principal recurso de professores do ciclo alfabetizador, já que estimulam a imaginação e despertam o interesse do público infantil, trazendo significado ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, o letramento literário contribui para o processo de alfabetização, haja vista que a criança começa a desenvolver o desejo pela leitura a partir do contato com os livros de diferentes gêneros literários, ao tocar, experienciar e observar aquilo que compõe graficamente os livros e à medida que é estimulada a conhecer e produzir suas próprias histórias.

O simples fato de uma criança folhear um livro ou revista, observar suas figuras, sentir a textura das folhas, selecionar exemplares por tamanho ou por quaisquer itens que chamem sua atenção, indica interesse pelo universo da leitura, que pode e deve ser incentivado pelos pais desde pequenos, lendo para eles, permitindo o manuseio de livros, revistas, jornais e principalmente mostrando que eles gostam de ler, este com certeza é o maior incentivo à leitura que uma criança pode obter. (Domingos et al, 2021, p. 670)

Contudo, não limitamos o papel da literatura infantil a um mero recurso alfabetizador, compreendemos a sua potencialidade ao abordar os diversos temas sociais, culturais, promovendo a criticidade, o desenvolvimento emocional, conceitual, próprios das relações interpessoais, da constituição do mundo adulto e seus valores, dentre outros elementos. A literatura infantil representa a cultura da infância e sua linguagem, sendo excelente nos processos de descoberta e autodescoberta (de si, da sua própria família, sociedade e cultura),

além de sua capacidade para desenvolver o pensamento crítico e as primeiras noções do que é certo e errado.

Zeni (2014) elucida sobre a relação quadrinhos e literatura, pois segundo ele, os gibis não são “literatura em si”, na verdade são artes diferentes, compostas por elementos diferentes, mas, que ainda sim, se relacionam<sup>5</sup>. Nesta relação entre literatura e HQ, podemos citar as adaptações de grandes clássicos, entre as diversas obras encontramos adaptações de Dom Casmurro, O Cortiço, A Divina Comédia e Vidas Secas.

A adaptação surge como uma forma de aproximar a juventude da leitura, já que normalmente os clássicos são tratados como uma leitura entediante, massiva e difícil de compreender. Já os quadrinhos possuem uma abordagem que o diferencia da literatura, neste caso seriam as imagens sequenciais, que exprimem movimento – ou a ideia dele – e a ambientação dos cenários, facilitando assim a compreensão do leitor, situando-o no espaço em que a obra se passa. Entretanto, ao ser utilizada em sala de aula, o professor deve tomar cuidado e não tratar a obra adaptada como um substituto da original, é uma releitura e não a obra em si. Neste sentido, Vergueiro e Santos (2012, p. 88) esclarecem “O mais importante, entretanto, não é a qualidade da transcodificação da literatura para a narrativa gráfica sequencial, mas a maneira como o educador emprega esse material, que não deve substituir o texto literário.” Como já explicitado antes, o diferencial dos gibis é a sua composição gráfica, elas enriquecem as obras e acrescentam elementos que por vezes não são descritos originalmente, mas que são comuns da época e região em que o conto está situado e que são utilizados para a ambientação da história, por este motivo a melhor forma de trabalhar ambas – tanto a adaptação, quanto a obra original – seria criando um diálogo entre as duas, em que estas se complementariam.

### **3 O RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO E DA PRESENÇA DOS QUADRINHOS NA ESCOLA**

Este trabalho é definido como Relato de Experiência – RE, pois resulta das vivências em práticas no processo de planejamento e execução do Projeto didático-pedagógico “Quadrinhos”. Dessa forma, sua construção se fará a partir do que foi vivido no projeto realizado, buscando relatar com exatidão todos os momentos experienciados relacionando com a teoria.

---

<sup>5</sup> Tópico já abordado no início deste trabalho.

Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64) explicam que “[...] o RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo e da postura crítico-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).” Dessa forma, a experiência próxima seria mais informal, sendo ela a vivência no campo de ação sem a necessidade da sistematização e análise das informações, bem como de se proceder a reflexão crítica. Contudo, no momento de sistematização do que foi experienciado, quando relacionamos os elementos que se integraram às práticas é que a reflexão crítica passa a fundamentar o processo de problematização e de análise, com apoio na pesquisa bibliográfica, por isso é chamada de “experiência distante”, por sua complexidade.

O RE é, ainda segundo os referidos autores (Ibidem), uma “produção de conhecimento” na qual uma das principais funções é relatar vivências do âmbito profissional/acadêmico, e é frequentemente utilizado nas áreas de ensino, extensão e pesquisa, estabelecendo um diálogo mais intenso entre a teoria e prática.

Dessa forma, o projeto foi organizado em três oficinas realizadas nos dias 10, 11 e 16 do mês de junho do ano de 2025. Organizamos as oficinas por meio de uma sequência didática, trabalhando as seguintes temáticas e atividades: “explorando e conhecendo gibis”; “de balão a balão, criando sentidos”; “criando uma gibiteca”. Como norteador das nossas práticas, realizamos o diagnóstico de escrita, que se fez importante para conhecermos os níveis e hipóteses de escrita da turma, auxiliando no planejamento das atividades, considerando a realidade de escrita das crianças. Tanto o projeto quanto o quadro com as hipóteses de escrita podem ser encontradas nos apêndices deste trabalho.

#### **4 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E O PAPEL DA HQ**

Nesse tópico relatamos a execução do projeto didático-pedagógico “quadrinhos” desenvolvido com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Parnaíba-PI. A priori realizamos um diagnóstico de escrita para nortear as práticas de alfabetização e, a partir dos resultados, que revelaram diferentes níveis de escrita, do pré-silábico ao silábico-alfabético, foram planejadas oficinas que integraram elementos lúdicos e artísticos das HQs ao processo de alfabetização. Ao longo das atividades, observamos que a combinação de texto e imagem presente nos gibis favoreceu a compreensão, a produção textual e o engajamento dos participantes, confirmando o potencial pedagógico desse recurso para a construção da linguagem escrita. O projeto reafirma que, quando valorizadas como expressão

artística e não apenas como ferramenta auxiliar, as histórias em quadrinhos constituem um instrumento relevante para tornar a aprendizagem mais significativa e aproximar a criança do universo da leitura e da escrita.

#### 4.1 Descrição das atividades

No dia 09 (nove) de junho de 2025, demos início a execução do projeto pedagógico na escola, e por questões geográficas escolhemos como *locus* de nossa investigação uma escola pública da rede municipal da cidade de Parnaíba - PI. Os participantes das oficinas propostas em nosso projeto foram crianças em faixa etária de 6 (seis) anos, estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, no turno manhã. Para iniciarmos o projeto, realizamos inicialmente um diagnóstico de escrita, propondo a escrita de cinco palavras e uma frase a partir do campo semântico histórias em quadrinhos, optando pelo tema “Magali e as frutas”. O instrumento foi elaborado a partir da escrita dos nomes das seguintes frutas: uva, maçã, banana e abacaxi e, ao finalizar a escrita das frutas, os discentes deveriam escrever a frase “Magali gosta de banana”.

A turma é formada por um total de 20 (vinte) estudantes, mas somente 14 crianças participaram do diagnóstico de escrita. A atividade de diagnóstico de escrita foi realizada no pátio da escola, após o horário do recreio, em mesas geralmente utilizadas para o lanche. Combinamos com a professora de que os discentes iriam em duplas realizar o diagnóstico de escrita. Ao chegar à mesa, instruímos que eles escrevessem o próprio nome na linha superior, e questionamos se eles reconheciam a personagem da Turma da Mônica - “Magali”, que estava no instrumento para o diagnóstico de escrita. A maioria respondeu que sim, alguns disseram que conheciam a personagem, mas que não lembravam seu nome e poucos não sabiam de quem se tratava. Após escreverem o próprio nome na folhinha, perguntamos se reconheciam as frutas que estavam na mão de Magali. Todos os discentes, sem exceção, responderam que sim. E, à medida que reconheciam as frutas, pedíamos que escrevessem seu nome, enfatizando que o fizessem da forma que sabiam. Percebemos que boa parte dos discentes tentava adivinhar a letra/sílaba correspondente à figura ou lembrar como era sua escrita, tentando usar a memorização, mas sem de fato associar ao significante<sup>6</sup>. Para preservar a identidade dos participantes, decidimos não os identificar, portanto utilizaremos o termo “criança” seguido de uma letra do alfabeto. Assim, o primeiro participante a realizar o diagnóstico foi identificado

---

<sup>6</sup> Segundo Soares (2020, p. 43) “Significante é a cadeia de sons que representa um ser, um conceito, uma ideia [...]”

como “Criança A”, o segundo como “Criança B” e assim por diante. Após a sondagem obtivemos os seguintes resultados ou hipóteses de escrita:

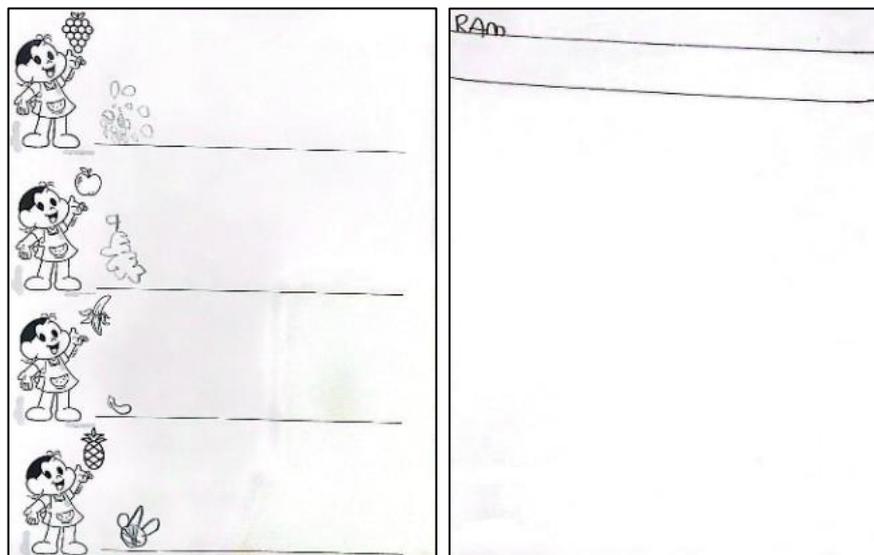
**Tabela 1 – Hipóteses de escrita**

Hipóteses	
Nível de escrita	Discentes
Pré-silábico 1	4
Pré-silábico 2	4
Pré-silábico 3	2
Silábico 1	0
Silábico 2	0
Silábico 3	0
Silábico 4	3
Silábico-alfabético 1	1
Alfabético 1	0
Alfabético 2	0
<b>Total</b>	<b>14</b>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dos 14 diagnósticos selecionamos 3, na qual os participantes, segundo suas hipóteses de escrita, estão nos níveis de escrita pré-silábico, silábico e silábico-alfabético. A imagem abaixo é do diagnóstico pertencente a **Criança L**.

**Figura 1 – Diagnóstico da Criança L**



Fonte: Autoras

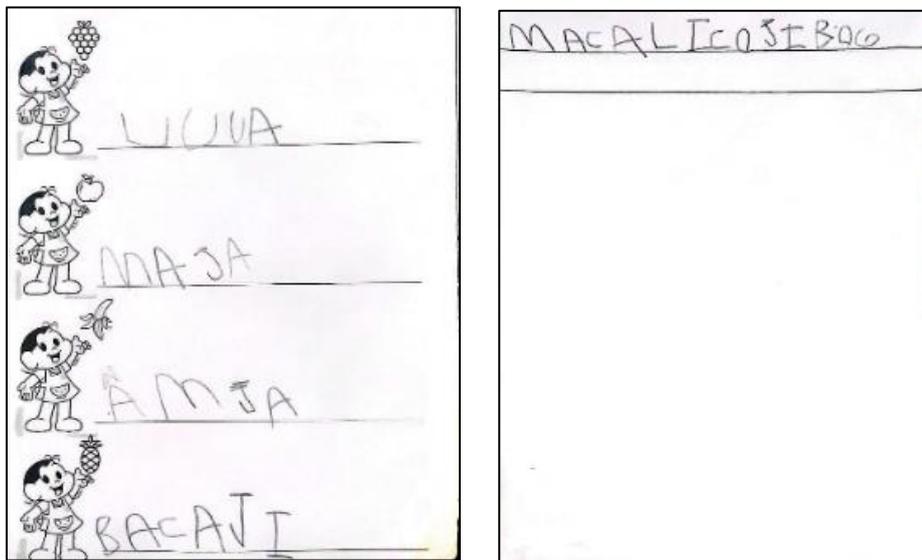
A imagem 1 aponta que a escrita da **Criança L**, nesse momento, é representativa da hipótese pré-silábica 1 (icônico). Este nível se caracteriza pelo desenho como representação da

escrita. Soares (2020, p. 61) aponta que “As crianças desde muito pequenas desenham supondo que estão assim, ‘escrevendo’: entendem que escrever é representar aquilo de que se fala, os *Significados*, tal como faziam os primeiros sistemas de escrita [...]”. Observamos que a **Criança L**, ao tentar escrever a frase “Magali gosta de banana”, escreveu somente “Ram”, letras estas que notamos estar presentes no seu nome.

É compreensível que haja dúvidas em relação ao resultado da hipótese levantada, pois a criança faz a tentativa de escrita da frase, e pode se presumir que ela não compreendeu o que foi solicitado inicialmente – sobre escrever os nomes das frutas – podendo ter se confundido e desenhado ao invés de realizar o objetivo inicial. Vale ressaltar que esta fase não está restrita somente ao desenho como representação da escrita, mas a criança também está propensa a fazer o uso de letras e outros símbolos distintos neste processo inicial de alfabetização e letramento, como esclarece Mendonça e Mendonça (2017, p. 39, grifos dos autores) “No *nível pré-silábico*, em um primeiro momento, o aprendiz pensa que pode escrever com desenhos, rabiscos, letras ou outros sinais gráficos, imaginando que a palavra assim *inscrita* representa a coisa a que se refere.” A professora ainda acrescentou que a turma, de modo geral, apresenta algumas dificuldades, não somente na leitura e escrita, mas também na compreensão das orientações para realização de atividades propostas.

O próximo resultado analisado e que escolhemos para demonstrar o nível silábico, pertence a **Criança C**:

**Figura 2 – Diagnóstico da Criança C**

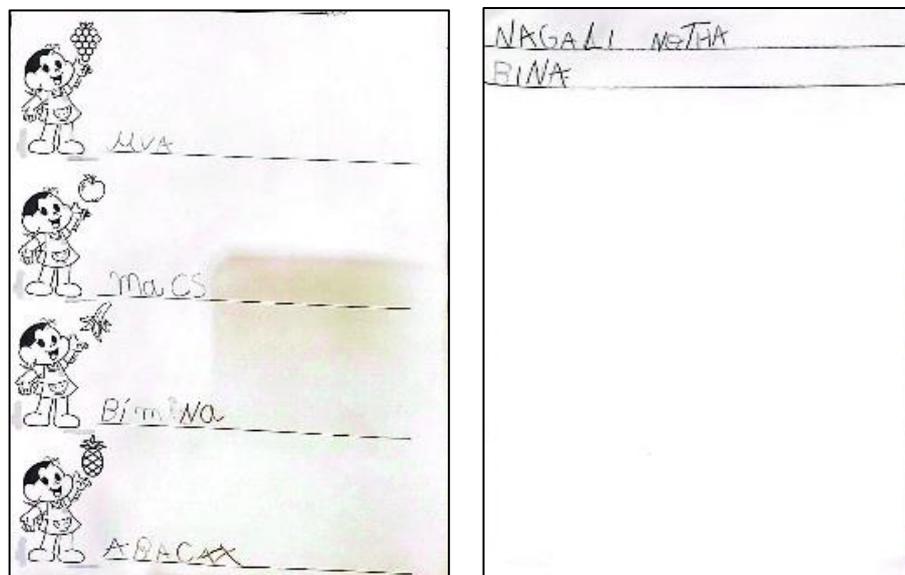


Fonte: Autoras

O diagnóstico apresentado na Imagem 2 aponta uma escrita representativa do nível silábico 4, que se caracteriza pela escrita com sons pertinentes, utilizando vogais e consoantes, assim usadas para representar os sons das sílabas. Podemos observar que a **Criança C** escreveu “UUVA” para representar “UVA”, assim presumimos que o uso dobrado da letra U seria para intensificar o som que a sílaba tem no início da palavra. Nas outras tentativas de escrita percebemos a repetição da letra J no final das palavras: em MAÇÃ escreve “MAJA”, “ANJA” para “BANANA” e “BACAJI” para “ABACAXI”. Na tentativa de escrita da frase “Magali gosta de banana” ela escreve “MACALI CO JI BAG”. Ela se aproxima da escrita das palavras, por vezes adicionando letras, como em UUVA (uva), ou retirando como em BACAJI (abacaxi).

O último diagnóstico que escolhemos para apresentar, pertence a **Criança M**.

**Figura 3 – Diagnóstico da Criança M**



Fonte: Autoras

O resultado acima pertence a um discente que nesse momento apresenta uma hipótese de escrita no nível silábico-alfabético. Dentre os 14 participantes, identificamos somente esta escrita como o nível mais próximo ao alfabético. Notamos que utiliza letras em transição, da escrita bastão para a cursiva, revelando assim que já identifica as letras em suas variadas versões, já demonstrando aprendizado quanto a escrita mais complexa, utilizando a que mais se aproxima da escrita convencional. Podemos perceber isso nas primeiras três palavras escritas no instrumento de diagnóstico, em que ela utiliza majoritariamente letras cursivas, mudando a

escrita somente nas última palavras e na frase final, demonstrando preferência por escrever somente em letra bastão.

Ao analisarmos as palavras escritas, identificamos a grafia correta de **UVA**, para Maçã ela escreve **MACS**, para Banana é **BIMINA**, e abacaxi seria **ABACAX**. Ao escrever a frase “Magali gosta de banana” a **Criança M** escreve “NAGALI NOTHA BINA”. Neste nível o discente já possui noção de que as letras representam sons e faz a grafia correta de algumas palavras – como podemos ver em **UVA** –, entretanto ainda encontramos na sua escrita traços comuns do nível silábico – como em **ABACAX** –, pois grava a letra “X” para representar a sílaba “XI”. Esta é uma das características do nível silábico-alfabético, pois marca a transição entre ambos os níveis, assim afirma Soares (2020):

Conclui-se que, na transição entre a **escrita silábica com valor sonoro** e a **escrita alfabética**, a criança já percebe a possibilidade de segmentação de *algumas* sílabas em unidades sonoras menores (fonemas) e usa mais de uma letra para representá-las: sua escrita alterna entre silábica e alfabética, e é, por isso, considerada no nível **silábico-alfabético**. Neste nível, há um avanço *qualitativo* – a criança percebe o som de algumas sílabas pode ser segmentado em mais de um som (mais de um fonema), e disso resulta um avanço *quantitativo* – a criança usa mais de uma letra para representar sílabas. (Soares, 2020, p. 109, grifos da autora)

Os diagnósticos realizados foram importantes para fundamentarmos melhor as atividades que seriam realizadas com os estudantes. Cada atividade foi planejada com base na realidade da turma, considerando as hipóteses de escrita observadas, promovendo assim uma aprendizagem mais significativa. Abaixo descrevemos melhor como cada oficina foi realizada:

#### 4.1.1 Oficina “Explorando e conhecendo gibis”, realizada no dia 10 de junho de 2025

A oficina iniciou por volta das 10 horas da manhã e avaliamos que tudo ocorreu dentro do esperado, contudo encontramos dificuldades em manter a concentração e o foco dos discentes durante a explicação, mas uma parte da turma se manteve atenta. Segundo a professora, a dispersão da turma é comum após o recreio. Assim, a professora orientou que as próximas oficinas fossem realizadas antes do intervalo, ou seja, no primeiro tempo de aula. Dessa forma, seguimos as orientações da professora da turma e conseguimos maior atenção e participação nas atividades propostas.

Iniciamos o projeto exibindo personagens comuns dos gibis como os da Turma da Mônica de Mauricio de Sousa, as criações de Ziraldo e os famosos da *Marvel* e *DC*. As crianças reconheceram a maioria das personagens, exceto as criações de Ziraldo, mas ao questionar se já tinham ouvido falar do Menino Maluquinho, algumas crianças responderam que sim. Em

sequência, apresentamos o balão de fala e suas variantes (Sussurro, Grito ou falando alto, pensamento ou sonho) e o quadro de narrador. Perguntamos se sabiam os significados de cada balão e a turma, majoritariamente, respondeu que não, então, tornamos a explicar o que cada um queria dizer nas historinhas. Após este momento de explicação, realizamos um pequeno jogo em que os discentes deveriam identificar nas tirinhas o que cada balão significava, os que estavam atentos rapidamente identificaram o que cada personagem queria expressar, não somente pelo balão, mas também por suas expressões faciais e linguagem corporal, este jogo foi realizado por meio de projeção das imagens dos gibis via datashow. Prosseguimos a oficina explicando sobre as onomatopeias e o que significavam nos gibis e, ao lermos os sons de cada onomatopeia, atribuíamos ao seu significado, como por exemplo, “Puf” (desaparecer); “Boom” (explosão); “Glup” (engolir). Para finalizar, exibimos, utilizando o datashow, uma tirinha da Turma da Mônica, em que os balões não possuíam textos, portanto balões vazios. Tínhamos como objetivo criar de forma coletiva e mediada, as falas para os balões, baseados nas interpretações das crianças e que serviriam como introdução para a próxima oficina, em que eles criariam em grupo os seus próprios diálogos.

**Figura 4 – Registro da oficina do dia 10 de junho de 2025**



Fonte: Autoras

#### **4.1.2 Oficina “ De balão a balão, criando sentido”, realizada no dia 11 de junho de 2025**

Iniciamos a oficina recapitulando os conteúdos anteriores e questionando o que os discentes lembravam. Alguns responderam que lembravam dos balões, outros das personagens presentes em gibis e das onomatopeias. Trabalhamos na oficina deste dia, a ordem correta de ler os balões de fala e a ordem dos quadrinhos, associando a ordem de escrita e leitura de livros.

Após exibirmos tirinhas clássicas da Turma da Mônica para exemplificar a ordem de leitura, propusemos uma atividade que consistia em criar diálogos com base nas expressões e nos balões de fala, respeitando a sua ordem e dos quadros.

Para esta atividade utilizamos uma tirinha da Mônica com balões de fala vazios e dividimos a turma em três grupos contendo 4 a 3 estudantes. As crianças observaram as expressões, ações e os balões de fala para criar diálogos entre as personagens, assim como na atividade desenvolvida na oficina anterior, o diferencial desta é que eles próprios escreveriam espontaneamente, nosso papel foi de auxiliá-los na percepção dos sons e associá-los na forma escrita.

**Figura 5 e 6 – Registro das atividades realizadas dia 11 de junho de 2025**



Fonte: Autoras

#### **4.1.3 Oficina “Criando Gibis”, realizada em 16 de junho de 2025**

Para finalizarmos o projeto, desenvolvemos uma oficina focada em criação de gibis. Para início, recapitulamos – assim como em todas as outras oficinas – tudo o que havia sido aprendido até aquele momento, pois seria necessário para a realização das atividades propostas. A turma foi dividida em duplas e trios, cada pequeno grupo recebeu 1 gibi feito de folha A4 que continha quadrinhos vazios. Ao recebê-los as crianças deviam criar suas próprias histórias e colocar em prática tudo o que haviam aprendido durante as oficinas. Diferente das outras oficinas, notamos que nesta eles apresentaram maior dificuldade, principalmente em

compreender o objetivo da proposta. Poucas crianças realizaram a atividade sem muita dificuldade, somente pediram ajuda com a escrita. Entretanto, alguns participantes não conseguiam compreender o que deveriam trazer nos quadrinhos, mesmo que exemplificássemos com o cartaz que foi montado por eles na oficina anterior. Depois de um certo tempo explicando, todos os discentes compreenderam o que deveriam fazer e partiram para a produção dos gibis.

Após o término desta oficina realizamos uma roda de conversa com o propósito de ouvir e dialogar com os participantes sobre o que acharam das oficinas e sobre o que mais lhe chamavam a atenção nos quadrinhos. Obtivemos respostas positivas a respeito das oficinas, as crianças demonstraram felicidade em participar das atividades e gostaram de cada oficina trabalhada. Em relação aos quadrinhos, perguntamos o que mais chamava a atenção ou o que mais agradava a eles. As respostas foram sucintas, alguns disseram que gostavam muito dos quadrinhos da Turma da Mônica e que os desenhos e as aventuras das personagens – principalmente dos planos infalíveis do Cebolinha em roubar o Sansão da Mônica – eram o que mais gostavam. Outros participantes responderam que não sabiam ler – o que era o esperado – mas que gostavam das “figuras” e de ver as personagens.

**Figura 7 e 8 – Registro das atividades realizadas no dia 16 de junho de 2025**



Fontes: Autoras

Foi perceptível que nos apropriamos em todo o projeto das tirinhas da Turma da Mônica, e a resposta para o motivo do uso é simples, não se discute gibis no Brasil se não incluir as criações de Mauricio de Souza. Não seria justo e tão pouco coerente, criar um projeto cujo foco fosse em personagens da *DC* ou *Marvel*, isso porque as criações destes dois estúdios são mais reconhecidas nas adaptações para o cinema e desenhos animados. Além de tudo os quadrinhos da turma da Mônica participaram/participam do processo de alfabetização de muitos jovens e crianças no Brasil, sendo também porta de entrada para o mundo da leitura.

## 4.2 As histórias em quadrinhos como recurso didático de construção da linguagem escrita?

Dedicamos essa seção para discutirmos as potencialidades didáticas e lúdicas dos quadrinhos para o processo tão complexo que é o de construção da linguagem escrita, baseado no que foi vivido no projeto. Tendo isso em vista, Zeni (2014) questiona quanto a inserção das HQs pelos projetos governamentais (PNBE) na educação, isso porque o autor enxerga que as HQs são empregadas como facilitadoras de aprendizagem, e não pela valorização da arte sequencial em si, assim como se valoriza o teatro, a dança, e a música. Mas o que nos chama a atenção é a questão que o autor levanta “Por que usar quadrinhos em sala de aula?”. Se antes havia uma luta para que os quadrinhos fossem reconhecidos em sala de aula – ou ao menos respeitados como uma forma de leitura – agora encontramos questões quanto a forma como estão sendo utilizados. Os quadrinhos, enquanto uma arte que é composta de várias artes, possui potencialidade para ser desenvolvida na educação, e ainda sim ser valorizada como a música, dança e o teatro são enquanto arte. Isto vai depender da maneira como o professor trabalha na sala de aula. Na realização do projeto buscamos ao máximo possível explorar os quadrinhos enquanto arte, trazendo seus elementos e composições, aquilo que dá significado, sempre atrelando ao nosso objetivo principal de alfabetizar, mas não tornando os gibis antagonistas, pois ainda possuem o papel principal de tornar a aprendizagem significativa. Talvez aí Zeni estivesse correto quando disse que os quadrinhos eram utilizados como facilitadores de aprendizagem, o que não vemos como algo ruim se ele ainda for valorizado na sua singularidade. Porém, o nosso comprometimento com este trabalho é relatar o potencial pedagógico dos quadrinhos no processo de alfabetização, então refazemos a pergunta de Zeni para “Por que usar quadrinhos na Alfabetização?”

A imagem presente nos quadrinhos se faz atrativa para aqueles que possuem dificuldades de leitura ou que estão se apropriando desse mundo, ajudam na compreensão textual a partir do momento em que, quem lê, observa as expressões das personagens e compreende – mesmo que de maneira superficial – os sentidos que o autor quer empregar na obra, assim explicita Xavier (2017, p. 17) “Além do mais, a habilidade de ler textos em que palavra e imagem se integram na construção de sentido possibilita a ampliação da capacidade de compreender/interpretar o mundo ao seu redor [...]”. Notamos este aspecto a medida em que desenvolvíamos as atividades do projeto, ainda que não soubessem ler, os participantes se apoiavam na interpretação de imagens para dar sentido ao que era narrado nas histórias. E em outras atividades de escritas – na criação de diálogos – se baseavam nos cenários, nas

expressões das personagens e nos balões de fala para desenvolver as falas dos personagens criando a sua própria história.

A linguagem das HQs não é complicada ou complexa, mas pautada pela oralidade. Compreendemos, portanto, que esse é um fator que facilita o processo de ensino-aprendizagem, mas também destacamos que para o desenvolvimento da linguagem escrita, é necessário que a criança tenha contato com livros e/ou outras obras na qual haja a presença de palavras que não são comuns do seu cotidiano.

A leitura é uma prática imprescindível para o desenvolvimento infantil, devendo ser introduzida desde os primeiros anos de vida, para incentivar a criança a ler ou criar familiaridade com o mundo literário, reconhecendo como esta prática pode trazer benefícios importantes para formação e construção do conhecimento. A leitura favorece o convívio social, a interação, o enriquecimento do vocabulário [...] (Mariano; Alves, 2022, p. 2)

Porém, para a introdução dos leitores, utilizar de recursos na qual a linguagem não seja tão trabalhosa de se compreender e que possua um contato maior e aproximado com a realidade infantojuvenil se faz coerente. Não subjugando a capacidade de escrita dos quadrinistas, mas falamos em uma realidade onde um dos gibis mais consumidos pelo público infantil são os da Turma da Mônica, e na qual Mauricio de Souza utiliza uma linguagem que é comum das infâncias e, por conseguinte, acessível.

Então, procuramos refletir acerca do questionamento “Por que usar quadrinhos na alfabetização?” e compreendemos, com apoio na pesquisa bibliográfica que realizamos, que os quadrinhos devem ser usados na sala de aula, em especial na alfabetização, pelo fato de possuírem uma linguagem que é constituída de texto e imagem, elementos estes que são indissociáveis neste tipo de arte. Esta indissociabilidade cria um universo de possibilidades pedagógicas em que pode ser trabalhado a interpretação, a linearidade textual, a criatividade e produção de textos, acompanhado do desenho, como foi desenvolvido nas atividades do projeto. Além disso, o apoio das imagens garante que se trabalhe a leitura de imagens, levando o sujeito da alfabetização a perceber suas potencialidades, promovendo sua autoestima e o desejo de aprender mais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto realizado se fez importante para aprimorar, construir e desconstruir noções sobre as HQs dentro do ensino, em específico da alfabetização. A medida em que a pesquisa para este tema se aprofundava nós descobrimos muitas potencialidades, que vai além do texto

presente nos gibis, pois o interesse nasce pelas composições gráficas e se estende para a vontade de ler as frases dos balões, criando jovens leitores. Então, os resultados de nosso estudo apontam que as HQs possibilitam experiências estéticas, integram as práticas sociais de letramento e, portanto, constituem importante recurso didático-pedagógico para o processo de alfabetização, estimulando e fortalecendo o gosto pela leitura.

Deste modo, diante do que observamos, tanto no projeto desenvolvido, quanto pelo apoio teórico, compreendemos que as HQs podem constituir-se como recurso pedagógico que apresenta contribuições significativas ao processo de aquisição da linguagem. Seus pontos de destaque para este processo são, sobretudo, uma linguagem acessível; leitura dinâmica, excelente para trabalhar a linearidade de escrita e leitura; e a combinação de textos e imagens que se relacionam e dialogam entre si. Além disso, promovem a valorização e circulação da cultura, em diálogo com a realidade de jovens e crianças, sendo um aliado fundamental ao processo de inserção no mundo da leitura e, por conseguinte, da alfabetização.

Entretanto, sentimos a necessidade de um contato maior entre a educação e a HQ. Seria muito mais vantajoso que as HQs fossem trabalhadas de modo integral, não somente como gênero narrativo, mas como uma arte em si. Reforçamos a importância de mais pesquisas na área, e que aprofundem a importância dessa arte sequencial e sua relação com a alfabetização, não somente percebendo-a como um recurso no aprendizado da escrita, mas também como suas composições podem favorecer a compreensão de linguagem em suas diferentes expressões.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALVES DE SOUZA, A. C.; MARIANO, M. L. A importância da leitura no processo de alfabetização dos alunos do 1º ano do ensino fundamental. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 23, n. 00, p. e022020, 2022. DOI: 10.30715/doxa.v23i00.17864. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/17864>. Acesso em 8 jul. 2025.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CAGNIN, Antônio Luís. Yellow Kid, o moleque que não era amarelo. **Comunicação & Educação**, n. 7, p. 26-33, 1996.
- DOMINGOS, Girlane Paula; MESQUITA, Leda Elaine Silveira Hortêncio; SERGIO, Maria Zildineth; AMORIM, Patrícia Abigail Borges; MACHADO, Tânia Rosa. A Importância da Leitura na Educação Infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e**

**Educação**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 669–680, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i6.1423. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1423>. Acesso em 8 jul. 2025.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. trad. Luís Carlos Borges. 1999.

FOGUEL, Israel. **A magia da Nona Arte**. Clube de Autores, 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim, tia, não**. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LUCCHETTI, Marco Aurélio; LUCCHETTI, Rubens Francisco. História em quadrinhos: uma introdução. **Revista USP**, n. 16, p. 24-35, 1993.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; DE MENDONÇA, Olympio Correa. Contribuições da psicogênese da língua escrita para a alfabetização: interpretação e consequências. **Pedagogia**, p. 129, 2017.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS–Revista Científica**, n. 27, p. 81-95, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 2020.

VERGUEIRO, Valdomiro. **Quadrinhos na educação**. Editora Contexto, 2009.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina Revisteletrônica**, v. 10, n. 2, p. 1-20, 2017.

ZENI, Lielson. Por que usar quadrinhos em sala de aula? **9ª Arte**, v. 3, n. 2, p. 125-129, São Paulo, 2014.

## APÊNDICE A - Mapa das hipóteses dos discentes sobre o sistema de escrita

Sondagem realizada em: 09/06/2025

Alunos	Pré-silábico			Silábico				Silábico-alfabético	Alfabético	
	1	2	3	1	2	3	4	1	1	2
Criança A		X								
Criança B	X									
Criança C							X			
Criança D			X							
Criança E	X									
Criança F		X								
Criança G							X			
Criança H			X							
Criança I							X			
Criança j	X									
Criança K		X								
Criança L	X									
Criança M								X		
Criança N		X								

### Hipóteses

#### Pré-silábico

1. Pré-silábico, sem variações quantitativas ou qualitativas dentro da palavra e entre as palavras. O aluno diferencia desenhos (que não podem ser lidos) de “escritos” (que podem ser lidos), mesmo que sejam compostos por grafismos, símbolos ou letras. A leitura que realiza do escrito é sempre global, com o dedo deslizando por todo o registro escrito.
2. Pré-silábico com exigência mínima de letras ou símbolos, com variação de caracteres dentro da palavra, mas não entre as palavras. A leitura do escrito é sempre global, com o dedo deslizando por todo o registro escrito.
3. Pré-silábico com exigência mínima de letras ou símbolos, com variação de caracteres dentro da palavra e entre as palavras (variação qualitativa intrafigural e interfigural). Neste nível, o aluno considera que coisas diferentes devem ser escritas de forma diferente. A leitura do escrito continua global, com o dedo deslizando por todo o registro escrito.

#### Silábico

1. **Silábico com letras não pertinentes ou sem valor sonoro convencional.** Cada letra ou símbolo corresponde a uma sílaba falada, mas o que se escreve ainda não tem correspondência com o som convencional daquela sílaba. A leitura é silabada.
2. **Silábico com vogais pertinentes ou com valor sonoro convencional de vogais.** Cada letra corresponde a uma sílaba falada e o que se escreve tem correspondência com o som convencional daquela sílaba, representada pela vogal. A leitura é silabada.
3. **Silábico com consoantes pertinentes ou com valor sonoro convencional de consoantes.** Cada letra corresponde a uma sílaba falada e o que se escreve tem correspondência com o som convencional daquela sílaba, representada pela consoante. A leitura é silabada.
4. **Silábico com vogais e consoantes pertinentes.** Cada letra corresponde a uma sílaba falada e o que se escreve tem correspondência com o som convencional daquela sílaba, representada ora pela vogal, ora pela consoante. A leitura é silabada.

#### **Silábico-alfabética**

1. Este nível marca a transição do aluno da hipótese silábica para a hipótese alfabética. Ora ele escreve atribuindo a cada sílaba uma letra, ora representando as unidades sonoras menores, os fonemas.

#### **Alfabético**

1. **Alfabético inicial** Neste estágio, o aluno já compreendeu o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba. Agora, falta-lhe dominar as convenções ortográficas.
2. **Alfabético.** Neste estágio, o aluno já compreendeu o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba e também domina as convenções ortográficas.

## APÊNDICE B - Projeto “Letramento com Quadrinhos”

### INTRODUÇÃO

A história em quadrinhos (HQs) é uma perfeita combinação entre a escrita e o desenho, ainda que comumente seja associada a gêneros textuais, ela se encontra em outra semântica, os especialistas da área a definem melhor como a 9<sup>o</sup> (nona) arte, segundo Foguel (2016, p.6)

A história em quadrinhos é chamada de “Nona arte” dando sequência à classificação de Ricciotto Canudo. O termo “arte sequencial” (traduzido do original *Sequential art*), criado pelo quadrinista Will Eisner com o fim de definir “o arranjo de fotos ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”, é comumente utilizado para definir a linguagem usada nesta forma de representação.

No Brasil, ela é bem representada por Mauricio de Souza e Ziraldo, que marcaram a infância de muitos, e é válido citar as icônicas figuras da cultura *Pop* internacional, como o *Batman*, *Spiderman* e *Superman*.

Em linhas gerais, a HQ é um fenômeno popular que se expandiu para as outras áreas, sendo adaptada principalmente para o cinema. No meio educacional, ela torna-se uma ferramenta excepcional para o processo indissociável de alfabetização e letramento, seja por sua escrita simples, ou por seus componentes gráficos, tornando-se atraente para as crianças. Desse modo, o presente projeto busca analisar por meio de oficinas o potencial alfabetizador das HQs, junto com os alunos do ciclo alfabetizador, e ainda compreender o valor que Professores alfabetizadores atribuem a esta arte.

### OBJETIVO GERAL

Compreender o potencial lúdico e significativo da História em Quadrinhos e seu papel no processo de aquisição da leitura e escrita, enquanto prática de letramento, mas também como Arte na escola.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como os componentes gráficos e textuais dos quadrinhos estimulam a curiosidade e o aprendizado da leitura e da escrita em crianças no processo de alfabetização;
- Entender como a sequência de quadros e balões de fala auxiliam na percepção da linearidade textual, por conseguinte na interpretação do texto;

- Compreender como a criação de quadrinhos (roteiros, desenhos, diálogos) atuam como instrumento didático-pedagógico, favorecendo a expressão oral e escrita.

## **METODOLOGIA**

O projeto será desenvolvido em uma escola pública da rede municipal de Parnaíba - PI, com a turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Em princípio será realizado um diagnóstico de escrita com a turma, para que possamos analisar o nível de alfabetismo de cada discente, participante do projeto. Esse diagnóstico é relevante, pois será um norteador das práticas que serão aplicadas com a turma, sendo possível propor atividades que auxiliem na superação das hipóteses de escrita, contribuindo para o processo de alfabetização de cada discente.

Para a realização do projeto propomos o desenvolvimento de quatro oficinas assim descritas:

- **Oficina “Explorando e conhecendo Gibis”**

Nesta oficina será explorado o universo dos quadrinhos, para isso, iniciaremos com uma roda de conversa em que imagens de elementos e personagens serão apresentados. Neste momento buscamos incentivar a curiosidade e identificar os conhecimentos das crianças a respeito do tema. De forma dinâmica, vamos adentrando na história das Histórias em Quadrinhos.

- **Oficina “De Balão a Balão, Criando Sentidos”**

A atividade inicia com uma recapitulação da oficina anterior, em seguida será ressaltada a importância da ordem dos balões e quadros para a construção de sentido nos Gibis. As crianças participarão de uma atividade prática onde serão divididos em grupos, cada grupo receberá uma tirinha com balões sem texto e devem criar diálogos entre os personagens.

- **Oficina “Criando uma Gibiteca”**

Vamos iniciar com a recapitulação do que foi aprendido durante as oficinas. Após a recapitulação, as crianças serão organizadas em duplas ou trios e será solicitado que criem uma história em quadrinhos contendo começo, meio e fim. Para finalizar, cada grupo apresenta sua produção para os colegas, promovendo a oralidade e a valorização das criações.

## **MATERIAIS NECESSÁRIOS**

- Folha A4
- Cartolina
- Canetas coloridas
- Lápis de cor
- Pincel
- Imagens
- Computador
- Projetor

### **AVALIAÇÃO**

A avaliação será de caráter diagnóstico e processual, considerando a interação e disposição dos discentes para o desenvolvimento das atividades propostas, a partir dos temas e materiais abordados em cada oficina. Também será observado o desempenho dos estudantes em relação às atividades, valorizando o processo de alfabetização e desenvolvimento ao longo do projeto.

### **CRONOGRAMA**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>TEMA</b>	<b>DATA/HORÁRIO</b>
Diagnóstico de escrita	Campo semântico – Magali e as Frutas	09/06/2025 – 09:30h às 11h
Explorando e conhecendo Gibis		10 e 11/06/2025 – 09:30h às 11h
De Balão a Balão, Criando Sentidos		16/06/2025 – 09:30h às 11h
Criando uma Gibiteca; Roda de conversa		17/06/2025 – 09:30h às 11h

<b>SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>		
<b>TEMA</b>	Histórias em Quadrinhos	
<b>OBJETIVOS</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer as HQs</li> <li>2. Lembrar de HQs conhecidas</li> <li>3. Conhecer os elementos gráficos e textuais das HQs</li> <li>4. Desenvolver o raciocínio lógico, a interpretação de imagens e a organização sequencial de textos.</li> <li>5. Exercitar a criatividade e a escrita com a construção de narrativas por meio de HQs.</li> <li>6. Experienciar a leitura de histórias em quadrinhos, destacando a compreensão de balões e seus significados.</li> </ol>	
<b>Diagnóstico de escrita</b>	Tema: Magali e as frutas	
<b>OFICINAS E METODOLOGIA</b>	Oficina “ Explorando e conhecendo Gibis”	<p>A oficina começará com uma roda de conversa, onde serão apresentadas imagens de personagens, cenários e elementos dos quadrinhos, como balões e onomatopeias, para despertar a curiosidade e estimular os alunos a compartilharem seus conhecimentos sobre o tema. Nesse momento, conduziremos perguntas que incentivem a participação e os saberes prévios de cada um. Em seguida, será feita uma breve apresentação, sobre a história dos quadrinhos, sua origem, evolução e os elementos que a compõem, utilizando recursos visuais como cartazes, tirinhas e gibis. A oficina se encerrará com uma reflexão coletiva sobre o que foi aprendido, preparando os estudantes para as próximas etapas, onde irão aprofundar seus conhecimentos na organização e criação de histórias em quadrinhos.</p>
		segunda
		Terça

	<p><b>Oficina “ De balão a balão, criando sentido”</b></p>	<p>A oficina começará com uma breve recapitulação dos conteúdos trabalhados anteriormente, lembrando os elementos dos quadrinhos e sua importância. Em seguida, de forma coletiva, destacaremos a ordem correta dos balões de fala, seus significados e como deve ser feita a leitura correta. As crianças serão organizadas em grupos e receberão tirinhas com balões vazios. A proposta será que, juntos, analisem as imagens, as falas e os elementos apresentados, e criem diálogos entre as personagens. Após a organização, cada grupo apresentará sua tirinha para os colegas, explicando o que levou eles a organizar de tal forma.</p>	<p>quarta</p>
	<p><b>Oficina “ Criando uma Gibiteca”</b></p>	<p>Novamente a oficina irá começar com a recapitulação dos conteúdos trabalhados nas oficinas anteriores, reforçando os elementos essenciais dos quadrinhos. Em seguida, as crianças serão organizadas em duplas ou trios e, de forma colaborativa, irão criar uma história em quadrinhos que contenha começo, meio e fim, utilizando balões, onomatopeias, personagens e cenários. Ao final, cada grupo apresentará sua produção para a turma, que serão reunidas para compor uma Gibiteca coletiva da turma.</p>	<p>Segunda</p>